



Leiria dança
15 escolas e grupos mobilizam centenas
Pág. 4 e 5



Leiria / T 244 870 500
institutooptico

Leiria com um quinto dos prejuízos causados pelo mau tempo no País

Dos mais de 5 mil milhões de euros de danos contabilizados no programa Portugal Transformação, Recuperação e Resiliência (PTRR), cerca de 20% foram registados no concelho de Leiria **Pág. 9**



Como o conflito no Irão está a penalizar a indústria do vidro na Marinha Grande

Pág. 18

A Porta
Dois "palácios" para descobrir no programa do festival

Pág. 33



Duarte Costa, dirigente do Volt
"Vivemos num planeta com mais riscos, temos de investir para viver em segurança" Págs. 6 e 7

Reinserção
Prisão de Leiria tem projecto para reclusos serem melhores pais

Pág. 8

Habitação
Agência lança 275 casas de preço acessível em dez concelhos

Pág. 13

ENTREVISTA

RICARDO GRACA



“Este é
um século
derradeiro
para a existência
no planeta”

Duarte Costa O especialista em alterações climáticas avisa que os fenómenos meteorológicos extremos serão mais comuns e apela à cidadania das pessoas da região de Leiria para melhorar a capacidade de preparação

Elisabete Cruz

elisabete.cruz@jornaldeleiria.pt

De que forma a depressão Kristin se enquadra no padrão actual de eventos meteorológicos extremos?

A depressão Kristin é um fenómeno raro. A grande destruição foi causada por um *sting jet*, um fenómeno muito destrutivo e raro. Não era totalmente imprevisível. Desde domingo daquela semana, havia projecção que um fenómeno altamente destrutivo ia chegar a Portugal, mas não se sabia exactamente onde. É um fenómeno que pode vir a ser mais frequente com as alterações climáticas, porque temos um oceano atlântico mais quente e as águas mais quentes alimentam as tempestades. Por outro lado, também tínhamos uma corrente de jacto que estava numa posição estacionária, na direcção da Península Ibérica, o que fez com que várias tempestades fossem encaminhadas para Portugal. Há estudos que indicam que quando temos uma tempestade forte a vir na direcção do nosso País neste período do ano, é provável que venham outras.

Os alertas foram suficientes e claros?

A resposta a essa pergunta foi dada por cada uma das pessoas que foi impactada por este evento e que não esperava que fosse destrutivo desta maneira. Os países têm adaptado os seus sistemas de alerta para estes fenómenos. Por exemplo, a Nova Zelândia, há dois anos, teve uma espécie da Kristin, que foi o ciclone Gabrielle, com grande destruição, perda de vidas humanas e o país ficou em choque. Este ano tiveram o ciclone Vaianu, e a preparação do país foi completamente diferente. O meu sonho é que possamos fazer como a Nova Zelândia e dotar o País de uma outra forma de preparação. Na Nova Zelândia, cinco dias antes deste ciclone chegar, o primeiro-ministro fazia uma declaração - e a protecção civil e a meteorologia já o tenham feito antes - a explicar que o fenómeno ia chegar, sem eufemismos. Afirmou que seria um fenómeno com ventos que podiam tirar a vida. ‘Confie nos seus instintos de segurança, não fique à espera de instruções das autoridades’. Nós dizemos às pessoas para esperarem os avisos, que muitas vezes não passam de um ‘fique atento’. Precisamos de antecipação na comunicação, de clareza sobre os impactos e de que acções preventivas podemos tomar em antecipação. Desta vez foi em Leiria, mas da próxima vez pode ser em pleno horário do dia e numa região mais populosa como Lisboa.

O facto de o Pinhal de Leiria ter sido já devastado, poderá também ter contribuído para a devastação na região?



CAIXA DE CRÉDITO DE LEIRIA

O banco que põe os seus planos em marcha

Uma floresta densa e biodiversa serve de desacelerador de ventos. O Pinhal de Leiria não era uma floresta biodiversa. São pinheiros, o que a torna mais vulnerável a ventos extremos. Por isso, é que vemos aquelas imagens impressionantes que parece que passou uma serra e cortou todas as árvores a eito. Perante as alterações climáticas é importante pensar-se num pinhal biodiverso e restaurar a natureza de forma a que ela seja mais resiliente aos fenómenos que vai enfrentar com as alterações climáticas, mas que também seja uma infraestrutura climática de segurança, que nos ajude a estar mais protegidos, por exemplo, de ondas de calor e das emissões de CO₂, mas também neste tipo de fenómenos altamente destrutivos.

Ter-se-á aprendido alguma coisa com a Kristin?

A noção que se faz a nível político é que fenómenos de ventos extremos eram raros e não estamos preparados para eles. Estamos mais preparados para cheias e incêndios. Não é um fenómeno sempre precedentes em Portugal, mas este nível de impacto vai levar a que haja outro tipo de comunicação. O que eu também sinto é que as autoridades responsáveis pela gestão e prevenção de riscos estão assoberbadas a lidar com os impactos destes fenómenos, a preparar a próxima estação de incêndios e provavelmente, depois, a lidar com os impactos dos incêndios. E estamos sempre num ciclo vicioso de correr atrás do prejuízo. Tenho uma petição a decorrer - e apelo a que todas as pessoas que lerem este artigo assinem - que pode mudar o nosso rumo a esta capacidade de preparação. Hoje, temos tecnologia de alerta precoce que nos pode pôr à frente deste ciclo vicioso. Podemos saber, sem precisar do olho humano, que uma situação de risco se aproxima e ter protocolos, como têm os Estados Unidos ou a Nova Zelândia. Existem tempos específicos para acionar determinados planos assim que surgem os alertas. Também é preciso haver simulacros, ou seja, se tivermos um *sting jet* a chegar a Lisboa em hora de ponta, as pessoas têm de estar preparadas para saber como é que se protegem. Não é o único risco, mas temos de ter consciência que vivemos num planeta com mais riscos, pelo que temos de investir para viver em segurança.

É possível que chegue à Europa um super El Niño. Temos razões para ficar preocupados?

Em anos de El Niño, o planeta aumenta a probabilidade de ter mudanças de regime no sistema climático, que empurram o planeta e o sistema climático para um lugar mais diferente deste clima seguro e compatível com a vida no planeta. É

um fenómeno perigoso nesse sentido. E quando olhamos para super El Niños anteriores, vemos a chamada teleconexão, ou seja, a ligação entre um fenómeno no Pacífico e o clima na Europa. Isso significa que há mais previsibilidade, sobretudo em termos de temperatura. Podemos esperar um início de Inverno mais quente, o que pode significar mais chuva. Havendo um super El Niño, provavelmente será um dos anos, se não o mais quente de sempre. Também poderá ser um Inverno quente e muito seco, seguido de um Verão muito quente e seco.

A crise energética é uma oportunidade para apostarmos ainda mais na descarbonização?

Sem dúvida. Se quisermos olhar para o fechamento do estreito de Ormuz como o planeta a dizer 'mudem de estilo de vida porque este vai-vos destruir', temos todos os avisos lá. Os combustíveis fósseis, que são os responsáveis pelas alterações climáticas, passam pelo estreito de Ormuz e estão a subir muito de preço, portanto estão a tornar as alternativas renováveis mais competitivas. Claro que a duras penas, porque esta dependência em combustíveis fósseis sai do nosso bolso. Um outro elemento são os fertilizantes, de que a agricultura depende

Perfil Co-presidente do Volt quer partido na AR

Duarte Costa é co-presidente do Volt Portugal e foi cabeça-de-lista em Lisboa às eleições legislativas de 2025. Foi destacado um dos 100 candidatos na Europa mais preparados para responder aos grandes desafios do futuro como a inclusão, a segurança e a sustentabilidade. Tem uma carreira internacional em tomada de decisões sobre riscos e impactos das alterações climáticas, é mestre em Alterações Climáticas e Políticas pela Universidade de Sussex no Reino Unido e formado em Geografia pela Universidade de Lisboa. Revela que a grande ambição do Volt é "chegar à Assembleia da República", estando a crescer na sua visibilidade. "Temos eleitos em 11 países da Europa, o que é relativamente rápido para um partido que está neste espaço sério das políticas baseadas em ciência, porque se eu for populista, vou crescer rapidamente." Duarte Costa acrescentou que em Portugal já elegeram um vereador, um deputado municipal e em assembleias de freguesia.

e que está em contrassenso com os ciclos da natureza, que muitas vezes explora e abusa da biodiversidade dos solos para ser produtiva, vai ser cada vez menos viável, mais cara e pode também colapsar. Seja pela transição seja pela dependência dos combustíveis fósseis ou de fertilizantes, podemos olhar para o estreito de Ormuz como uma voz do planeta que diz produzam agricultura biológica, reconectem-se e restaurem a natureza para terem alimentos seguros, de qualidade e que não dependem destes grandes fenómenos geopolíticos. Utilizem energia renovável, utilizem transportes públicos, evitem deslocações desnecessárias, que consomem combustível produzido longe do nosso país. Mudem o vosso estilo de vida, mudem a vossa economia. Tenham políticos que lutem por isso, porque está visto que se não mudarmos, este é um século derradeiro para a existência no planeta.

Estamos mais próximo do chamado ponto sem retorno?

Não estamos só mais próximos como estamos a acelerar com tudo na direcção desses diferentes pontos de não retorno no sistema climático. Já ultrapassámos um grau de aquecimento, o que significa que alguns sistemas-chave do sistema terrestre, como o gelo da Gronelândia, os corais tropicais dos oceanos, entre outros, já passaram o seu limite. O derretimento do gelo nas áreas polares, sobretudo no Ártico, tem tido consequências para a circulação dos oceanos, o que também pode estar por trás da intensificação destes fenómenos no nosso Inverno de 2026. Tudo isso é indicativo que estamos a caminhar a uma velocidade que o planeta não tem. Não há registo de aquecermos tanto e de aumentar tanto as concentrações de CO₂ em tão pouco tempo.

Por que é que os governos não tomam medidas mais concretas?

A resposta é a palavra cidadania, porque os governos não sentem que as pessoas realmente querem isso. Em democracia, os políticos precisam das pessoas para serem eleitos. Muitas vezes têm a responsabilidade de criar outras agendas para se manterem no poder ou até para chegarem ao poder e desviar as pessoas dos problemas mais importantes das suas vidas. Portugal precisa muito da cidadania das pessoas do distrito de Leiria e dos distritos afectados por estas grandes tempestades. Vocês sabem como estes fenómenos puseram a vossa vida, o vosso futuro, tudo o que construíram, em risco. Precisamos da vossa consciência para que Portugal exija uma mudança de políticas. Hoje foi Leiria, no próximo Inverno pode ser noutro território. Não se esqueçam da Kristin, não se esqueçam de co-

mo o Estado vos falhou. Lembrem-se disso em todos os momentos em que o vosso poder político é chamado a acção, não só na altura de votar, mas no momento de assinar petições, de participar nas visitas dos governos, participar em reuniões da Câmara Municipal, da Assembleia Municipal, formar movimentos... Precisamos que haja uma cidadania muito activa, que exija mais responsabilidade política e mais robustez nas políticas de adaptação climática e de transição para uma economia mais segura e mais sustentável.

O comboio, um dos meios de transporte mais limpo, nunca foi uma verdadeira aposta.

Podíamos ter um plano de comboios expressos, de forma a reduzir os tempos de viagem. A linha do Oeste teve milhões de euros de investimento. Reduziu-se em pouco o tempo de viagem, mas não se fizeram as melhorias necessárias para pensar que aquela linha, nos próximos 50, 100 anos, pode ser o eixo principal de transporte de pessoas e mercadorias, com um melhor tempo em relação ao transporte rodoviário. E isso pode ser feito, por exemplo, ligando a linha do Oeste directamente à Gare do Oriente, sem passar por Sintra. Mas ter comboios expressos nas áreas metropolitanas, como já teve a linha de Sintra, por exemplo, nos anos 90, mais rápidos, torna-os mais competitivos em relação ao carro, porque a pessoa chega mais rápido de comboio do que de carro. O factor número um, segundo as estatísticas, para as pessoas não apanharem os transportes públicos, é o tempo de viagem. A pessoa prefere estar no trânsito e gastar mais dinheiro num carro, porque sabe que vai chegar mais rápido e se calhar mais garan-

Precisamos que haja uma cidadania muito activa, que exija mais responsabilidade política e mais robustez nas políticas de adaptação climática



tidamente. O transporte público tem de ser mais rápido e fiável do que o carro.

De que forma é que podem as alterações climáticas afetar a saúde pública e a economia?

As pessoas que foram afectadas pela depressão Kristin sabem muito bem como as alterações climáticas afectam a economia. Quando se destrói a rede energética, os equipamentos das empresas e os postos de trabalho, em consequência, estamos a destruir a economia. Isso tem um custo, não só pelo prejuízo, como depois é preciso deslocar recursos do resto da economia para repor essas infraestruturas, para repor esse tecido económico, para gerar novamente emprego. Em relação à saúde, há uma série de doenças que têm impactos maiores com as alterações climáticas, por exemplo, as ondas de calor são o fenómeno climático que mais mata e mata de uma forma silenciosa. No ano passado morreram centenas de pessoas durante períodos de calor extremo e que não era suposto terem morrido. A exposição prolongada ao calor extremo degrada o nosso sistema cardiovascular. O frio também tem consequências no sistema respiratório. Há a possibilidade de termos mais doenças vectoriais, ou seja, doenças infecciosas que são transmitidas através de insectos. É uma outra área para a qual o País precisa estar atento e se preparar.

É co-presidente do Volt Portugal, um partido que se assume de base científica. Quais são os vossos princípios?

O Volt surge como uma expressão de cidadãos de toda a Europa, que perceberam que se continuarmos com a geração actual de políticos não vamos dar resposta aos desafios do século XXI e, provavelmente, por falharmos nisso, vamos levar as pessoas a acreditarem em soluções populistas, demagógicas e que manipulam a informação e o entendimento da realidade. Não vamos conseguir estar seguros em Portugal em relação às alterações climáticas se não conseguirmos articular uma resposta coordenada em toda a Europa e da Europa para o mundo. Não vamos conseguir ter um futuro promissor em Portugal se não conseguirmos, por exemplo, ter uma União Europeia cada vez mais eficaz na sua política de defesa, como ter um exército europeu que seria muito mais barato e muito mais dissuasor dos conflitos. O Volt é o partido que dá voz a essas pessoas, que estão fartas de uma incompetência de partidos democráticos, que não acreditam que o populismo, o discurso de ódio, a divisão deles contra nós, nós contra eles, vai funcionar, e querem uma nova geração de políticos.